



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CAMPUS TRINDADE  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA E CIÊNCIA POLÍTICA  
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Larissa Miranda Domingos

**Título:** As experiências educativas na Escola Popular da ocupação urbana Carlos  
Marighella

Florianópolis  
2024

Larissa Miranda Domingos

**Título:** As experiências educativas na Escola Popular da ocupação urbana Carlos Marighella

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Ciências Sociais do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Campus Trindade da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Ciências Sociais.

Orientador(a): Prof.(a) Nise Jinkings, Dr.(a)

Florianópolis

2024

Domingos, Larissa Miranda

As experiências educativas na Escola Popular da ocupação urbana Carlos Marighella /Larissa Miranda Domingos ; orientadora, Nise Maria Tavares Jinkings, 2024.  
59 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -  
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de  
Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em Ciências  
Sociais, Florianópolis, 2024.

Inclui referências.

1. Ciências Sociais. 2. escola popular. 3. luta social por moradia. 4. educação popular. 5. ocupação urbana. I. Jinkings, Nise Maria Tavares. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Ciências Sociais. III. Título.

Larissa Miranda Domingos

**Título:** As experiências educativas na Escola Popular da ocupação urbana Carlos Marighella

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de Licenciada e aprovado em sua forma final pelo Curso de Ciências Sociais.

Florianópolis, 11 de dezembro de 2024.

Coordenação do Curso

**Banca examinadora**

Prof.(a) Nise Maria Tavares Jinkings, Dr.(a)

Orientador(a)

Prof.(a) Anais Medeiros Passos, Dr.(a)

Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.(a) Giovanni Felipe Ernst Frizzo, Dr.(a)

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Florianópolis, 2024.

*Em memória de Jhonatan André Ribas, o  
que importa é ouvir a voz que vem do  
coração.*

Para minha filha, Maria Joana.

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos os colegas de turma que após um período pandêmico, entre 2020 a 2022, voltaram aos estudos presenciais e seguiram com suas formações. Assim como aos professores do curso de Ciências Sociais - Licenciatura, que ministraram disciplinas muito inspiradoras sobre a educação e de como se tornar um professor, diversas reflexões foram postas com o retorno presencial das aulas e lembrarei com carinho de cada leitura, discussão que foram extremamente enriquecedoras para minha formação.

Em 2023, realizei meu Estágio Obrigatório com o Prof. Dr. Peterson Silva e o agradeço fortemente por ter sido exemplar, literalmente, uma luz para muitos estudantes do curso. À minha professora supervisora Prof. Thereza Cristina, do Colégio de Aplicação, sempre muito lúdica e orientadora na jornada de elaboração de planos de aula e a execução em si de uma aula em sala de aula.

Aos moradores da Ocupação Carlos Marighella, militantes, apoiadores e coordenadores, aos que lutam pela moradia digna no município de Palhoça, só a luta muda a vida.

À minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Nise Jinkings, agradeço aos textos para leitura, os momentos de reflexão e construção desta pesquisa. À minha banca examinadora, composta pela minha orientadora de TCC a nível bacharelado, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Anaís Medeiros Passos, agradeço por apoiar minha pesquisa e por me incentivar a continuar na carreira acadêmica. E ao Prof. Dr. Giovanni Frizzo, camarada de luta e militante engajado nas questões sociais e lutas por moradia.

À minha família, mãe, irmãs, sobrinhas e à minha filha. Vocês são a luz da minha vida!

“Aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam.”

(FREIRE, 2019)

## RESUMO

Este trabalho trata do processo de construção coletiva de uma escola popular em uma ocupação urbana, considerando as concepções, conceitos e percepções que fundamentaram tal processo. Apresenta uma discussão conceitual breve sobre as perspectivas de educação popular e escola popular com base em Paulo Freire e por meio das lentes de teóricos da Pedagogia Histórico-Crítica. Assinala que a partir dessa perspectiva de educação popular histórico-crítica, a ocupação Carlos Marighella desde sua origem, em 2022, possui projetos de educar jovens e adultos moradores e ocupantes, que vem sendo discutidos e criados conjuntamente por moradores e coordenadores. Para viabilizar este trabalho foram realizados os seguintes procedimentos metodológicos: revisão bibliográfica – centrada nas categorias de educação popular; luta social por moradia; movimentos sociais; ocupação urbana; escola popular –; pesquisa documental, focada no acervo bibliográfico disponível para as atividades educativas da Ocupação; entrevistas semi-estruturadas com coordenadores, professores e moradores participantes do projeto educativo. A pesquisa revelou as perspectivas pedagógicas dos educadores populares, os projetos educativos em curso e a percepção dos moradores sobre essas atividades educativas. E evidenciou que a união de ocupantes/moradores, educadores e demais forças sociais envolvidas nesse processo anima a possibilidade de transformar realidades, para além do ensino-aprendizagem, servindo também como momentos de partilha de experiências.

**Palavras-chave:** escola popular; educação popular; ocupação urbana; luta social por moradia.

## ABSTRACT

This paper addresses the collective construction process of a popular school in an urban occupation, considering the concepts, ideas, and perceptions that underpinned this process. It presents a brief conceptual discussion on the perspectives of popular education and popular schools based on Paulo Freire and through the lens of theorists of Historical-Critical Pedagogy. It points out that, from this historical-critical popular education perspective, the Carlos Marighella occupation, since its origin in 2022, has had projects aimed at educating young people and adults who are residents and occupants, which have been discussed and created jointly by residents and coordinators. To carry out this work, the following methodological procedures were used: bibliographic review – focusing on the categories of popular education; social struggle for housing; social movements; urban occupation; popular school –; documentary research, focusing on the bibliographic collection available for the educational activities of the Occupation; semi-structured interviews with coordinators, teachers, and residents participating in the educational project. The research revealed the pedagogical perspectives of popular educators, ongoing educational projects, and the residents' perceptions of these educational activities. It highlighted that the union of occupants/residents, educators, and other social forces involved in this process fosters the possibility of transforming realities, beyond teaching and learning, also serving as moments for the sharing of experiences.

**Keywords:** popular school; popular education; urban occupation; social struggle for housing.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Campanha de doações	21
Figura 2 – Campanha de doações	21
Figura 3 – Organização da despensa de alimentos	39

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Plano de Educação Jurídica

27

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

EJA	Educação de Jovens e Adultos
MST	Movimento dos Trabalhadores Sem Terra
MUP	Movimento por uma Universidade Popular
NEAMB	Núcleo de Educação Ambiental
OCM	Ocupação Carlos Marighella
PCB	Partido Comunista Brasileiro
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>16</b>
<b>2. A ESCOLA POPULAR NA OCUPAÇÃO CARLOS MARIGHELLA</b>	<b>20</b>
2.1. BREVE HISTÓRICO DA OCUPAÇÃO	20
2.2. A LUTA POR MORADIA	23
2.3. A EDUCAÇÃO POPULAR	27
<b>3. EXPERIÊNCIAS EDUCACIONAIS E PEDAGÓGICAS NA ESCOLA POPULAR MARIGHELLA</b>	<b>33</b>
3.1. PERSPECTIVAS PEDAGÓGICAS	33
3.2. OS PROJETOS	37
3.3. A PERCEPÇÃO DOS OCUPANTES	45
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>55</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Esta monografia complementa meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), no nível de Bacharelado em Ciências Sociais, no qual foi realizada uma pesquisa sobre a Ocupação Carlos Marighella. Este trabalho foi documental e descritivo, consistindo na análise dos acontecimentos ocorridos durante a criação da Ocupação, baseando-se em autores principais que elucidaram o tema. Partindo da análise de Friedrich Engels (2015) na Europa do século XIX em “Sobre a questão da Moradia” e chegando à crítica contemporânea de David Harvey em “O Direito à Cidade” (2012), o estudo baseia-se também em um artigo sobre políticas de moradia na região da Grande Florianópolis (Souza e Sugai, 2018). O trabalho contém fotografias que ilustram as denominadas fases no processo de Ocupação, revelando que ela passa por três locais diferentes.

A Ocupação Carlos Marighella nasceu em maio de 2022, no bairro Guarda do Cubatão, em Palhoça, Santa Catarina. Em menos de dois meses, a Ocupação já estava desenvolvendo diversos projetos, mutirões e reformas em um prédio abandonado do antigo programa de moradia, Minha Casa, Minha Vida, que estava inativo na época. Houve uma ação judicial de reintegração de posse do terreno requisitada pela Prefeitura de Palhoça, que resultou no direcionamento dos moradores para um Ginásio de Esportes, no bairro Caminho Novo, também na Palhoça. Por fim, em algumas semanas, a coordenação do movimento e os moradores decidiram ocupar outro terreno no município de Palhoça, situado no bairro Aririu da Formiga, onde se encontra atualmente a Ocupação.

Desde o início da pesquisa de TCC tive conhecimento de que a escola popular era um projeto discutido entre coordenadores e moradores da Ocupação. Por isso, neste trabalho de Licenciatura, o objeto deste estudo foi o de investigar o processo educativo que vem se desenvolvendo na Ocupação, com base na ideia de escola popular.

Para entender um pouco de onde surge a ideia de pesquisar a educação popular em uma ocupação urbana é necessário revisitar diversas ocasiões históricas, assim como as políticas de moradia na cidade de Palhoça e na região da Grande Florianópolis, o que foi realizado durante o Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharelado em Ciências Sociais. Naquela ocasião foram realizadas em torno de três visitas à Ocupação Carlos Marighella, durante os anos de 2022 e 2023. Em

cada uma destas visitas, a Ocupação e moradores estavam em um novo local, um destes provindo de uma intervenção da Prefeitura e outros dois, provenientes da própria autonomia do movimento por moradia, na sua busca por encontrar terrenos para cumprir a função social de moradia popular.

Durante minhas pesquisas de TCC, diversos questionamentos e reflexões de cunho sociológico surgiram, voltadas para entender como o movimento por moradia na região se desenvolvia, quais as forças políticas que impulsionam as decisões e ações sociais no seu interior e, também, quem constituía e compunha este movimento, apoiava e vivenciava uma ocupação urbana. As ideias conclusivas do trabalho apresentaram reflexões quanto ao direito constitucional de moradia, enquanto direito humano fundamental que promove a função social de áreas urbanas e rurais. O TCC analisa a ineficácia das políticas públicas para responder a esse direito social e trata da Ocupação Carlos Marighella como exemplo de uma luta para além das políticas estatais, que se mostraram insuficientes durante a pesquisa.

Neste ano, retornando ao estudo sobre a Ocupação Marighella para a pesquisa de Trabalho de Conclusão de Licenciatura (TCL), foi então necessário analisar o desenvolvimento de experiências e atividades educativas desempenhadas dentro da Ocupação, com a finalidade de despertar reflexões políticas e sociais entre os moradores, de acordo com a fala concebida em entrevista com um dos coordenadores da escola popular para este trabalho.

O objetivo central deste trabalho, então, foi entender o processo educativo construído na Ocupação Carlos Marighella, tendo como objetivos específicos: investigar a organização da Educação Popular na Ocupação Carlos Marighella; conhecer a perspectiva política pedagógica dos coordenadores e professores desse processo educativo; conhecer a experiência e avaliação dos moradores sobre o processo educativo vivenciado; investigar a existência de um acervo bibliográfico disponível para as atividades educativas, além de materiais e recursos didáticos utilizados, no qual, foi constatado durante a pesquisa, a não existência deste acervo; identificar os projetos em andamento, que tematizam a Educação Ambiental e a Educação Jurídica. Estes projetos em curso apoiam-se em uma rede de colaboração de educadores de diversas áreas, do ensino médio ao superior, estudantes de graduação e professores universitários que, a partir de projetos de extensão, conseguem desenvolver planos e ações de ensino para participarem da construção da escola popular na Ocupação Carlos Marighella.

Para viabilizar este estudo foram realizados os seguintes procedimentos metodológicos: revisão bibliográfica, centrada em categorias que sintetizam elementos fundamentais do objeto de estudo – educação popular; luta social por moradia; movimentos sociais; ocupação urbana; escola popular –; pesquisa documental, focada no acervo bibliográfico disponível para as atividades educativas da Ocupação, além de materiais e recursos didáticos utilizados; entrevistas semi-estruturadas com coordenadores, professores e moradores participantes do projeto educativo.

As entrevistas foram realizadas em uma visita na Ocupação Carlos Marighella, datada de 13 de abril, em um sábado, enquanto ocorria uma das aulas de Educação Ambiental, com a parceria de estudantes dos cursos de Biologia e Engenharia Sanitária e Ambiental da UFSC, participantes do Núcleo de Estudos de Educação Ambiental (NEAMB). Naquela ocasião foram entrevistadas cinco moradoras, bem como o coordenador geral da escola popular. O roteiro base da entrevista com as moradoras consistiu em perguntas sobre suas trajetórias na Ocupação, nível de formação escolar, as experiências educativas que tiveram na escola popular e sua avaliação sobre estes momentos e atividades. Na entrevista com o coordenador geral, as perguntas centrais consistiram em buscar esclarecimentos sobre o projeto de escola popular, sua origem, as demandas do movimento social, a perspectiva pedagógica e político-social que fundamenta o processo educativo e, por fim, sobre os planos e projetos futuros para a escola popular em processo de criação.

De acordo com o coordenador geral entrevistado, as perspectivas pedagógicas que fundamentam o projeto estão centradas, prioritariamente, na proposta de Paulo Freire para a educação popular e na Pedagogia Histórico-Crítica, concebida por Dermeval Saviani. A escolha dessas concepções pedagógicas objetiva o desenvolvimento de uma prática educativa crítica, pela qual seja possível aos educandos compreenderem o contexto sócio-político da realidade vivida, situado num todo social mais amplo. São pedagogias que partem das experiências e conhecimentos iniciais dos educandos para desenvolver um processo de aprendizagem que enriqueça sua compreensão da vida social e sua atuação prática. A partir disso, pode-se dizer que a educação popular, indiretamente, é um possível agente transformador da realidade, já que transforma os seres atuantes na vida

prática. Uma discussão mais extensa sobre esses fundamentos pedagógicos será realizada nos capítulos 2 e 3.

O capítulo 2 apresenta, no item 2.1, um breve histórico da Ocupação Carlos Marighella. Em seguida, o item 2.2 contém uma discussão sobre a luta por moradia, com trechos das entrevistas dos moradores sobre suas trajetórias na Ocupação. No item 2.3 são expostas discussões teóricas e conceituais sobre a educação popular e as análises da entrevista com o coordenador da escola da Ocupação Marighella e sobre de que modo os educadores contribuem para a escola. Este coordenador exerce a função de apenas coordenar os projetos da escola popular, enquanto o local em si está em reformas, possui alguns materiais escolares como livros e cadeiras e mesas escolares para os moradores.

No capítulo 3 discutimos, no item 3.1, quais são as perspectivas pedagógicas que fundamentam as ações educativas dos coordenadores da Escola Popular Marighella e como elas se realizam nos projetos e nas atividades desenvolvidas. No item 3.2 explicitamos mais um pouco sobre como foi o desenvolvimento dos projetos, sendo um deles sobre Educação Ambiental e outro tematizando a Educação Jurídica, tratando dos planos de aula e de outras ideias pedagógicas dos educadores populares. Por fim, no último item, 3.3, analisamos as perspectivas e avaliações dos moradores que participam destes projetos e suas trajetórias educacionais.

## 2. A ESCOLA POPULAR NA OCUPAÇÃO CARLOS MARIGHELLA

Neste capítulo iremos trabalhar com o histórico da Ocupação Carlos Marighella, desde seu início em maio de 2022. Trataremos brevemente das mudanças de território, assim como seu renascimento em outro terreno.

A partir deste capítulo entenderemos como foi o surgimento da Ocupação e que dificuldades e obstáculos enfrentaram os ocupantes, no processo de seu envolvimento com a luta por moradia.

### 2.1. BREVE HISTÓRICO DA OCUPAÇÃO

A Ocupação Carlos Marighella surgiu em maio de 2022, quando cerca de 100 famílias ocuparam um terreno abandonado com prédios inacabados na Guarda do Cubatão. As reivindicações dos ocupantes estavam centradas em uma política de moradia para o município de Palhoça, que atingisse trabalhadores migrantes de outros estados e com renda baixa, os quais dependiam de aluguéis exorbitantes na cidade para se manter. Esse breve histórico é apontado no trabalho mencionado anteriormente pela autora, do qual resgatamos algumas passagens.

A Ocupação Carlos Marighella é um movimento político de luta por moradia que surgiu em meados de maio de 2022, quando trabalhadores de diversos setores se organizam através de uma luta em comum, sendo alguns deles militantes partidários. Nisso, a organização política que inaugura uma ação direta de reivindicar a moradia popular através de uma ocupação, é dada de forma em que moradores de um bairro se juntam em prol de uma pauta política. (DOMINGOS, 2023, p. 35)

Durante o segundo semestre de 2022 houve uma medida de reintegração de posse para o terreno ocupado, despejando todas as famílias em uma madrugada de inverno, tendo sido alocadas em um Ginásio de Esportes, no bairro Caminho Novo. Os moradores sentiram-se indignados e insatisfeitos com a ação, tendo seus materiais e móveis destruídos durante a ação policial.

Em meados de junho de 2022, a Ocupação sofre um despejo ilegal, pois ainda vigorava a Lei nº 14.216/2021 (Lei do Despejo Zero), que havia sido aprovada no

Supremo Tribunal Federal. No dia 14 de junho de 2022, a Ocupação acordou durante a madrugada com diversos membros da força armada da cidade de Palhoça, como Cavalaria, Tropa de Choque e Policiais Militares, com gritos de ordens para deixarem e desocuparem os prédios. Moradores relatam que os seus móveis foram jogados dos andares mais altos, conforme foi publicado nas redes sociais da Ocupação na data do ocorrido e nos dias posteriores. Na mesma data, os moradores foram direcionados a um ginásio de esportes no bairro Caminho Novo, cuja função social foi questionada pelos mesmos, pois não seria um ambiente adequado para moradia, pois já cumpria sua função social de esporte e lazer para a comunidade do bairro. Além disso, os moradores, ao serem despejados em pleno inverno de suas casas, reclamaram sobre as condições precárias do ginásio, em que ficaram amontoados em um lugar. Crianças chegaram a ficar doentes por conta da ausência de ventilação no local. (DOMINGOS, 2023, p. 44)

Por fim, a partir da organização coletiva da Ocupação, coordenadores e demais moradores se reuniram em assembleia para decidir sobre os rumos da ocupação. E então desencadeou-se uma nova ocupação, em outro terreno, agora no bairro Aririu da Formiga, que segue até o momento em estado de ocupação. O movimento vem realizando campanhas para doação e mutirões de construção com a contribuição de militantes partidários e apoiadores. Também possui uma aliança com integrantes do corpo docente e discente da Universidade Federal de Santa Catarina, que vem contribuindo para a consolidação da Escola Popular Marighella.

Há algo destacável deste breve histórico: a construção coletiva e a preferência política dos militantes engajados e apoiadores do movimento. Muitos, como já destacado no trabalho de TCC, fazem parte do escopo de militantes do Partido Comunista Brasileiro (PCB), embora, no ano de 2024, tenha ocorrido o desligamento de alguns militantes. Há também um lastro histórico de lutas no qual, juntamente com o surgimento da Ocupação Carlos Marighella, em 2022, apoiadores e militantes do Movimento por uma Universidade Popular (MUP), realizam projetos, caravanas e outras campanhas para os moradores (Domingos, 2023).

Partindo dessas informações iniciais, passa-se a analisar essas relações e como foi a construção do projeto de educação popular que ocorre nos dias de hoje, na Ocupação Carlos Marighella. As figuras a seguir ilustram campanhas de doação em diferentes momentos da Ocupação.

Figura 1 e 2 - Campanha de Doações



Fonte: Instagram ([Post 1](#) e [post 2](#))

Essas publicações foram postadas pela coordenação do movimento na rede social *Instagram*, sendo a primeira figura datada de 22 de junho de 2022, quando a Ocupação estava em sua segunda fase, ou seja, localizada no Ginásio de Esportes. A segunda figura, datada de 28 de setembro de 2023, situa-se na terceira e atual fase do movimento de ocupação, estabelecida no bairro Aririú da Formiga, na Palhoça. É interessante observar que na postagem de 2023 a experiência educativa construída na Ocupação já tem a denominação de Escola Popular Marighella.

Em entrevista realizada nesta investigação com um dos coordenadores do movimento, Kaique Ganzaro de Oliveira, datada de 13 de abril de 2024, as experiências pedagógicas desenvolvidas desde o início da ocupação foram assim relatadas:

A origem da escola veio primeiramente de uma demanda por um cursinho pré Enceja que é a prova de conclusão do Ensino Fundamental e Médio por jovens e adultos, então na primeira fase, nós tivemos essa demanda e nós organizamos um cursinho com professores do ensino básico, que pudessem ajudar em disciplinas específicas. Então a primeira experiência foi dividir aulas específicas de cada disciplina, como biologia, história, geografia, física e matemática. E aí depois da execução desta prova no final de 2022, nós trocamos, né? Mudamos o programa de formação para informações mais pontuais que fossem de temas sensíveis à ocupação, eles juntavam os mesmos educadores, mas em aulas interdisciplinares que pegavam um tema e tentavam explorar esse tema de maneira interdisciplinar. Isso tudo foi em 2022 e 2023, nós iniciamos uma parceria com o Leandro, do Núcleo

de Educação Ambiental da UFSC, onde eles desenvolveram um projeto baseado nas demandas de infraestrutura e qualidade sanitária da Ocupação e nós começamos um trabalho de triagem e desenvolvimento de um plano de ensino que tivesse como base compreender a Ocupação, compreender a forma de organizar a Ocupação para solucionar essas questões sanitárias e ao longo de 2023 nós fizemos essas formações mensais que tinham como tema a prevenção e combate a zoonoses, contra a poluição e contaminação ambiental e um pouco também sobre resíduos sólidos, mas de maneira muito tímida ainda essas formações como elas eram mensais. Elas tinham um fim em si mesmo. Elas tinham pouca conexão entre si de um mês para o outro e agora, em 2024, nós temos um plano mais robusto ainda com o NEAMB de aumentar a frequência das formações e desenvolver elas em unidades e blocos que são temas bimestrais sobre educação ambiental que vão ser tratados na Ocupação. Todos eles tentando mobilizar os moradores e os militantes para ações concretas de incremento da infraestrutura da ocupação e solução de problemas. Junto com isso, nós tivemos a adição também de outros educadores para ações, o Programa de Educação Jurídica Popular e outras formações mais pontuais sobre direitos à saúde pública, educação e universidade pública e outros campos dos movimentos sociais, como movimentos do Campo. (Kaique<sup>1</sup>, entrevista concedida à autora, 2024)

A partir deste trecho da entrevista com o coordenador da Escola, Kaique Oliveira, é possível compreender como se originou o projeto de escola popular, desde meados de 2022, embora existindo diversos acontecimentos que foram adiando os projetos da escola popular, é possível perceber que este ainda tenta se consolidar, mesmo com as adversidades, e realizar o possível para que os moradores possam ter acesso à estas aulas. Assim como a articulação do projeto a ser desenvolvido nos anos seguintes.

## 2.2. A LUTA POR MORADIA

Para iniciar o debate, podemos inferir que a luta por moradia é um dos temas de destaque neste trabalho. Onde é possível entender como funciona a organização e as ações sociais presentes em uma ocupação urbana. Para entendermos essa relação, os movimentos sociais foram se aperfeiçoando em suas ações educativas para que possamos estar presentes nos dias de hoje.

---

<sup>1</sup> Kaique é estudante de graduação do curso de Ciências Biológicas na UFSC, faz parte do projeto Marighella e é coordenador da escola popular da ocupação Carlos Marighella.

É importante lembrar que a relação entre movimento social e educação é antiga e ocorre de várias formas - a partir das ações práticas de movimentos e grupos sociais em contato com instituições educacionais, no próprio movimento social, dado caráter educativo de suas ações na sociedade, e no interior dos movimentos, pelas aprendizagens adquiridas pelos participantes e pelos projetos socioeducativos formulados e desenvolvidos pelos próprios movimentos, a exemplo do MST (Movimento dos Trabalhadores Sem Terra). A novidade deste século é a proliferação de coletivos autônomos, dentro de unidades educacionais, organizados ao redor de múltiplas causas ou atividades operativas. O maior número encontra-se nas universidades e sobre isso há poucas pesquisas ainda. (GOHN, 2019, P. 215)

A partir desta citação acima, podemos inferir que o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra foi o fio condutor das ações desenvolvidas entre educação e luta por moradia. E que há muito o que se pesquisar atualmente sobre tal relação e atividades que são desenvolvidas. Embora seja necessário diferenciar o MTST do movimento que constrói a Ocupação Carlos Marighella, por diversas questões histórico-políticas, assim como pela própria concepção de educação popular, algo que será discutido neste trabalho. Brevemente, iremos elucidar alguns trechos da entrevista realizada com um dos coordenadores da Escola Popular Marighella, onde é discutido sobre a relação dos movimentos de luta por moradia com a educação popular.

Autora: Na visão de vocês (coordenadores da escola), como funciona a relação dos movimentos de luta por moradia com a educação popular?

Kaique: a relação é justamente de uma demanda muito natural e legítima de formar os moradores e ajudá-los num processo de politização, para que eles se tornem militantes. Existe uma defasagem no processo de formação em que as instâncias que atuam ali podem oferecer e a escola é uma forma de ofertar essa formação e também de aglomerar demandas deles. Então é uma forma não só de propor essa formação que o movimento precisa, mas também de ouvir as demandas. Então nós queremos trabalhar não só os direitos, mas também as inovações, as propostas que o próprio movimento desenvolve para então, em blocos onde a gente possa desenvolver essas coisas. Aproveitar as potencialidades do movimento. (Kaique, entrevista concedida à autora, 2024)

Podemos entender que o que guia a construção da escola popular é principalmente a demanda dos moradores da ocupação. Mas também possui, a partir da perspectiva do coordenador, um desenvolvimento político e conscientizador.

A mentalidade de formar educandos para uma conscientização de suas realidades e condições de vida, expressa em problematizações dessas experiências, dialoga com alguns autores que também trabalham com essa relação, conforme a citação a seguir:

Partindo das concepções do adulto educando sobre o mundo, através da reflexão e da ação, afirmava a relação dialógica educando/educador: os sujeitos se educavam por meio da problematização das situações concretas de vida de cada grupo de trabalho, desenvolvendo suas visões críticas, ampliando suas visões de mundo, descobrindo a palavra cheia de vida e da sua experiência, inserida num contexto cultural que faz do homem sua própria humanidade ou desumanidade. (SCORTEGAGNA et. OLIVEIRA, 2006, p. 5)

Justamente por existir uma conjuntura de obstáculos no qual, em dois anos de ocupação, foi apenas a partir de 2023, que o projeto da escola popular pode tomar forma, mas sempre esteve em pauta. A Ocupação Carlos Marighella, ao ser despejada do primeiro local ocupado, ainda em 2022, teve de refazer seus projetos para continuar arrecadando recursos para a construção da escola popular. Apenas em 2024, ao estarem ocupando um novo terreno, foi possível retomar as atividades e realizar novos projetos nesse processo coletivo de construção. E com isso, podemos nos debruçar sobre os planos futuros para a escola.

Autora: Pode comentar sobre os projetos futuros de atividades e cursos na ocupação?

Kaique: o objetivo do futuro da ocupação é que ainda em 2024 nós consigamos ofertar um curso de reforço escolar para o Ensino Fundamental e Médio e nós também identificamos no censo que fizemos recentemente, a demanda por creche. A demanda por Creche é a maior demanda da ocupação, mas também nós temos uma demanda grande de Ensino Fundamental e uma demanda menor de Ensino Médio. Isso tudo ainda para 2024. Para 2025, nós estamos buscando parcerias para financiar o deslocamento dos educadores que já tem disponível para um curso pré-vestibular. Então existe a demanda não só dos formandos do Ensino Médio. Mas também dos que já completaram o EJA (educação de jovens e adultos), que são jovens e adultos, de idade pós-escolar, que querem voltar para a universidade, então querem participar de um cursinho pré-vestibular também. Nós já temos os educadores disponíveis para todas as áreas, nós ainda não temos a infraestrutura e o financiamento para deslocar esses educadores até a ocupação. Esses são os dois

projetos para 2024 e 2025, pré reforço escolar e pré-vestibular. (Kaique, entrevista concedida à autora, 2024)

Novamente, a demanda dos moradores e as necessidades educativas constatadas se tornam o direcionamento principal para os projetos que podem ser desenvolvidos futuramente. Para adentrar na discussão, entendemos que essa construção e suas relações giram em torno do processo coletivo de ensino e aprendizagem mútuos. Atentando-se às suas peculiaridades, às demandas e suas complexidades.

Sendo assim, cabe a educação estabelecer uma relação democrática entre a política e os sujeitos deste paradoxo educacional, a fim de re-ordenar e reconstruir gradativamente um processo ensino-aprendizagem pautado na construção e reconstrução crítica, reflexiva e democrática dos conhecimentos, onde todos os indivíduos presentes neste meio possam desenvolver-se e constituírem-se como cidadãos atuantes e conscientes. (SCORTEGAGNA et. OLIVEIRA, 2006, p. 14)

Esta relação mútua de ensino-aprendizagem é possibilitada através dessa comunicação entre os movimentos sociais, educadores populares e educandos/moradores de uma ocupação urbana. É primordial que a conscientização política esteja presente, por isso é reforçada pelo coordenador em sua entrevista e trechos. Para isso, precisamos entender o que é a Escola Popular Marighella e como ela se desenvolve, ou como os coordenadores entendem tal construção.

Autora: primeira pergunta, o que é Escola Popular Marighella e como funciona?

Kaique: A escola popular é uma iniciativa para ajudar a formar os moradores em militantes, que participam da ocupação e avançam. Ajudar a avançar a organização do trabalho de luta por direitos da ocupação, todos os temas, todas as formações, todas as ações pensadas pela escola são por um lado uma maneira de contribuir com o avanço da luta da ocupação e de um outro lado é fornecer uma frente de massas para que militantes e educadores se organizem no trabalho de luta. (Kaique, entrevista concedida à autora, 2024)

Para que possamos compreender a relação de luta por moradia com a educação popular, deve-se mencionar o déficit habitacional existente na cidade de Florianópolis e na região continental, o qual foi o pontapé inicial para o trabalho anterior já mencionado. A existência de uma escola popular, surge juntamente com a

necessidade de uma ocupação urbana, a de conquista de direitos constitucionais, discutidos amplamente em diversos movimentos sociais e políticos da atualidade.

No próximo item, iremos nos debruçar nos conceitos de educação popular e conhecer um pouco sobre os educadores e perspectivas pedagógicas dos coordenadores.

### 2.3. A EDUCAÇÃO POPULAR

A partir do item 2.1, podemos inferir que durante os anos de 2022 e 2023, a construção da escola popular na Ocupação Carlos Marighella era um assunto desde o início fomentado por organizadores e coordenadores da ocupação. Porém, pelos momentos de dificuldades e trocas de terreno, a escola popular também passava por estes momentos de pausas, até ser reprojetaada a partir de 2023 para 2024.

Uma destas iniciativas é o Núcleo de Educação Ambiental (NEAMB), que atualmente, possui um projeto de extensão onde alunos de graduação atuam em diversos setores dentro da Ocupação Carlos Marighella. Até o momento, membros da Ocupação têm participado destes diversos eventos acadêmicos citados anteriormente, entre outros, onde coordenadores e moradores fazem suas falas a partir da sua vivência, narrando as experiências com a agroecologia e levando tal experiência para ambientes acadêmicos. (DOMINGOS, 2023, p. 58)

A partir desta pesquisa podemos associar o tema da educação popular com sua teoria, que exalta o diálogo entre as partes através de propostas discutidas coletivamente a partir de demandas de trabalho. A presença dos estudos da Educação Ambiental, citada anteriormente, traz o diálogo com uma perspectiva de desenvolvimento não só de projetos, mas de abertura de diálogos com o cotidiano dos moradores, sobre assuntos como compostagem, alimentação saudável, entre outros temas presentes e que ainda iremos abranger neste trabalho.

A educação popular consagra no diálogo não apenas uma metodologia de valor e de atuação pedagógica, de que o “círculo de cultura” seria a mais conhecida imagem. O diálogo é, nela, o começo e o final de todo o acontecer do ensinar-a-aprender. Em suas formas mais radicais — aquela que eu pessoalmente assumo —, a sua “palavra de ordem” é uma assumida e inicial “desordem pedagógica”. É a ideia de que, com um mínimo de propostas de base, tudo o que se realiza como e através da educação popular parte de um encontro tão igualitário quanto possível e imaginado de saberes e significados. De uma “turma de alfabetizandos” a uma instituição ampla de criação de uma “proposta de educação popular”, são coletivos tão igualados e igualitários de

poder de pensar, dizer e decidir aqueles que geram e gerenciam um trabalho de educação popular. (BRANDÃO, 2021, p. 6)

A educação popular então surge como uma escola que reúne os educadores populares, moradores e estudantes. Tal ação é apresentada através de projetos, sejam de Educação Ambiental ou Jurídica, mas que possuem o objetivo de abranger temas cotidianos e vivenciados pelos educandos e moradores da ocupação urbana. Compreender sua situação sócio-política, direito jurídico, acesso à moradia popular, entre outros temas-chaves para tal processo de ensino-aprendizagem. Teoricamente, a concepção de educador popular, abrange um escopo de saberes e pedagogias. Sendo este também o povo, a comunidade, ampliam horizontes enquanto sujeito político.

Também serão os educadores populares desses países os mais sensíveis a incorporar ao círculo dos saberes, sentidos, significados, sensibilidades e sociabilidades de “outros povos e de outras culturas”, o núcleo não apenas do campo teórico-ideológico dos saberes, mas também ao de suas outras éticas, estéticas, eróticas e políticas.

Uma pedagogia “conscientizadora e politizadora”, destinada em seu horizonte a transformações radicais da sociedade através de uma conquista popular do poder, tende a ser relativizada e repensada no campo das diferenças entre os diversos contextos sociais. Ainda que para a maior parte dos educadores populares o povo — no sentido original de classe-para-si — seja o ou um sujeito protagônico dos processos de luta e mudança social, há um alargamento do sentido político das próprias transformações a serem processadas e seus horizontes. (BRANDÃO, 2021, p. 9)

Em sua concepção, a ideia de ser uma educação transformadora, a educação popular surge como uma garantia de direitos para a população que sofre diariamente com opressões, por isso então decide reivindicar e lutar. Ela surge justamente quando uma comunidade, ou um grupo de pessoas, sente-se excluída de um processo ou de um acesso que é negado a estes grupos, enquanto minorias migrantes, ou trabalhadoras, que não possuem garantias de acessar uma moradia em centros urbanos e comerciais. Para além de sua situação sócio-política, a ação de uma ocupação urbana já expressa nos trabalhos anteriores é uma ação direta em prol de visibilidade a tal problema urbano e procura condições para amenizá-las.

A Educação Popular é uma educação comprometida e participativa orientada pela perspectiva de realização de todos os direitos do povo, tendo como principal característica utilizar o saber da comunidade como matéria-prima para o ensino. O maior desafio é sempre a resistência, mesmo depois de tantos programas de ataques

às minorias, onde direitos adquiridos são retirados ou pelo menos tentam retirá-los, os movimentos sociais se reorganizam e se readaptam nas formas de lutas e reivindicações. (LIMA, 2023, P. 7)

Nesta perspectiva de direitos do povo, o ataque a esses direitos é uma vertente real e a organização política, seja ela expressa através de uma ocupação urbana, surge justamente como forma de luta em prol do acesso à moradia digna. Para entender a relação dos movimentos sociais propriamente com a educação popular, entende-se a formação de conhecimento a partir de vivências e demandas do movimento, que articula com as realidades sociais presentes.

A Educação Popular e os Movimentos Sociais encontram-se em um processo de ressignificação e de nova articulação. Sabe-se que todo movimento social tem em seu entremeio de formação diferentes tipos de conhecimentos, que carregam princípios culturais dentro de seus territórios de resistência e que sistematiza e fundamenta seu movimento. Contudo, esse caráter educativo influencia a formação de tais movimentos, e assim, possibilita uma leitura plural e crítica da realidade de mundo onde os sujeitos estão inseridos. Por um lado, pode-se dizer que, a educação popular é a expressão pedagógica dos movimentos e está aliada na conquista de direitos políticos e civis. Ao mesmo tempo, enquanto processo pedagógico, ela é uma instância formadora e orientadora da sociedade e dos próprios movimentos sociais. (LIMA, 2023, P. 7)

A relação então dos movimentos sociais e a educação popular existe no entendimento de diversas realidades, que performam em seus territórios de resistência, mas que também existem através da própria realidade que vivenciam e experienciam enquanto sujeitos políticos, civis e sociais. Trata-se então, de uma forma de articular a reflexão destes sujeitos pertencentes aos movimentos, mas também, de refletir sobre costumes, vida social, política e de convivência.

De fato, a educação popular não é um modelo único, de modo especial, quanto aborda a questão da prática pedagógica, mas, uma prática regida pelas diferenças, que refletem acerca do sentido da educação e dos diferentes modos de ser, agir, interagir e conviver. (GERHARDT et. FRANTZ, 2019, p. 100)

A educação popular é uma educação comprometida e participativa com a perspectiva de realização de todos os direitos do povo. Ao utilizar e valorizar o saber da comunidade como “matéria-prima para o ensino”, ela considera o contexto maior da sabedoria popular, que acaba ampliando o ensino, a mobilização, a formação, enfim, o formar consciência da constituição de diferentes atores envolvidos na construção do conhecimento. (GERHARDT et. FRANTZ, 2019, p. 100)

Nestes dois trechos inferimos o diálogo com a própria perspectiva do coordenador entrevistado, à luz das visões entre as práticas pedagógicas que serão

explicitadas nos próximos itens. Mas que constituem o pensamento de formar uma consciência, a partir de diferentes modos de pensar e de produzir conhecimento.

No contexto em que a educação popular e os movimentos sociais estão inseridos, é possível mobilizar conhecimentos através da própria realidade dos sujeitos, pensamentos e reflexões. Mas além disso, entender a realidade social que os perpassa, decidindo coletivamente os rumos que poderão tomar, as mobilizações que podem ocorrer e lutas coletivas.

O que justifica a Educação Popular é o fato de que o povo, no processo de luta pela transformação popular, social, precisa elaborar seu próprio saber... Estamos em presença de atividades de educação popular quando, independentemente do nome que levem, se está vinculado à aquisição de um saber (que pode ser muito particular ou específico) como um projeto social transformador. A educação é popular quando, enfrentando a distribuição desigual de saberes, incorpora um saber como ferramenta de libertação nas mãos do povo. [...] A educação popular vem sendo desenvolvida no interior de práticas sociais e políticas e é aí precisamente onde podem residir a sua força e a sua incidência. (Brandão, 2006, p. 70 APUD. GERHARDT et. FRANTZ, 2019, p. 100)

Ou seja, a prática da Educação Popular perpassa justamente esta aquisição do conhecimento através de uma realidade específica, seja vivenciada, experienciada por estes membros que a constituem e que experienciam estas vivências. Para o coordenador da escola popular da Ocupação Carlos Marighella, a educação popular é entendida como uma ferramenta de transformação coletiva, de conscientização da realidade social e de uma perspectiva de sociedade.

Autora: Quais as perspectivas da educação popular enquanto ferramentas de transformação e conhecimento para com os ocupantes?

Kaique: a educação popular é importante, para esclarecer isso, não é só alcançar uma comunidade carente, ela é uma forma de educação muito própria da classe trabalhadora para a classe trabalhadora e eu sempre repito que nós precisamos da educação para atingir objetivos maiores que a educação. Então ela é uma ferramenta um meio para que a gente consiga alcançar o direito à casa. O direito ao acesso aos aparelhos públicos de saúde a educação, e coisas do tipo, então também tem a função de transformar o horizonte, do que é possível para as pessoas, a educação popular não vai só trazer uma capacitação, é um chamado para ação que é imediato, mas a gente quer transformar as lentes com que as pessoas enxergam a realidade, para que a gente saia de um estado de pouca capacidade de intervir e pouca capacidade de enxergar que o mundo é possível de mudar para o patamar superior de intervenção e de perspectiva de futuro da humanidade como um todo. Então, de onde estamos hoje para uma transição socialista da sociedade. (Kaique, entrevista concedida à autora, 2024)

Neste caso, é muito importante extrair desse trecho da entrevista, em que a educação se torna uma ferramenta de transformação da e para a classe trabalhadora. Ao elaborar seu próprio plano de educação e ao entender seus direitos aos aparelhos públicos de saúde e educação, onde a ação é imediata e também para poder intervir em mudanças em prol da própria comunidade.

Ao compreender o desenvolvimento de uma ocupação urbana e sua relação com a educação popular, sua diversidade de ações enquanto processo de conhecimento, abrindo-se para novas formas de aprender e ensinar, a educação popular através da visão de Conceição Paludo (2008), pode ser interpretada:

“De acordo com Brandão (1985), há diferentes formas de compreender o que é a Educação Popular. Ela pode ser compreendida como educação das classes populares; como saber da comunidade/conhecimento popular; como ensino público. Entretanto, ela também pode ser compreendida como uma das concepções de educação das classes populares. É neste último sentido que se situa a contribuição de Paulo Freire.

Ele define esta concepção educativa como “Educação libertadora”, ou melhor, como “Educação como prática da liberdade”, uma vez que ela, embora esteja sustentada em grandes lineamentos, se faz e refaz continuamente, na experiência dos indivíduos e coletivos que a fazem. Não a qualquer indivíduo e nem a qualquer coletivo, mas os oprimidos e os que com eles se comprometem na perspectiva da transformação social. Não qualquer transformação, mas a transformação radical da sociedade.” (PALUDO, 2008, p. 7)

Esta autora infere que a perspectiva Freireana de educação libertadora, que também será discorrida no capítulo seguinte, o que já foi reforçado anteriormente, a experiência do coletivo ou do grupo oprimido surge como uma alternativa de transformação social, fruto de uma reivindicação ou ação direta. Neste caso, Saviani (2021) irá reconhecer que para Paulo Freire, a educação popular é tratada como uma educação do povo para o povo:

“De certo modo, Paulo Freire compartilhava dessa visão, destacando a precedência da educação popular, entendida como uma educação do povo, pelo povo e para o povo, em contraste com a educação escolar, entendida como educação da elite, pela elite e para a elite, no caso da rede secundária-superior; e da elite, pela elite e para o povo, no caso da rede primária profissional.” (Saviani, 2021, p. 13)

No próximo capítulo, iremos aprofundar nas experiências educacionais e pedagógicas na Escola Popular Carlos Marighella, que consiste em estudar as perspectivas pedagógicas da escola, explicitar seus projetos, entrevistas com os/as

educadores populares e ao final, a percepção dos ocupantes/estudantes/moradores da ocupação sobre o desenvolvimento das atividades da Escola Popular.

### **3. EXPERIÊNCIAS EDUCACIONAIS E PEDAGÓGICAS NA ESCOLA POPULAR MARIGHELLA**

Este capítulo possui a prerrogativa de explicitar as experiências educacionais que ocorreram e ocorrem na Ocupação Carlos Marighella, assim como, desde o primeiro item, quais são as suas perspectivas pedagógicas, o que significa, como se constituem e em que se fundamentam a escola popular em execução no momento.

Em outro momento, os projetos são de atenção notável neste capítulo, pois é a partir deles que podemos imaginar e visualizar como são e serão as aulas na escola popular Marighella, que temas serão abordados, qual o tipo de discussão que surge através destas aulas.

E por fim, na percepção dos ocupantes/estudantes da Ocupação Marighella é onde podemos nos debruçar nas complexidades, particularidades e historicidade de cada morador e que, através de suas histórias, compreender quais as necessidades que podem ser adaptadas à educação popular, qual direcionamento pode ser tomado e ações para aprimoramento destes moradores através de uma luta coletiva de educação popular.

#### **3.1. PERSPECTIVAS PEDAGÓGICAS**

Para entender um pouco de onde surge a educação popular e quais são suas perspectivas pedagógicas, traremos dois teóricos que foram muito citados durante as entrevistas abaixo. Mas que, também são referência no assunto quando discutimos sobre movimentos sociais e educação popular.

Autora: E em que ideias pedagógicas se apoia esse processo educativo, pode comentar como se dá na prática e a apropriação dessas ideias?

Kaique: Existem várias tendências e correntes que compõem o nosso trabalho, eu diria que as três principais são a Pedagogia Histórico-Crítica, desenvolvida pelo Demerval Saviani e pessoas do campo dele que é um campo marxista, a Pedagogia da libertação do Paulo Freire também e o campo gigantesco de pensadores e educadoras que têm em volta dele a educação ambiental crítica que é uma corrente que disputa a hegemonia dentro da Educação Ambiental, que tenta deslocar o foco do indivíduo e de ações pontuais para um olhar sistêmico e transformador da organização da sociedade não só das ações individuais. Essas são as três principais

referências que nós temos, a apropriação disso na prática, é que nós fazemos tanto na hora de organizar os encontros com os educadores para elaborar planos de ensino e de intervenção, quanto na hora de conversar com os moradores que são educandos. Nós pensamos: qual é o potencial que essas correntes podem nos oferecer? De transformar o espaço, transformar as pessoas e transformar a sociedade, então é sempre pensado em qual dessas correntes são melhores nesse tempo. Quais dessas correntes em determinado momento nos fornecem mais ferramentas para pensar e agir, então em algumas etapas, algumas dessas correntes estão mais fortes e são mais influentes no nosso trabalho e em outras etapas, elas são mais tênues. Então o nosso trabalho é filtrar essas correntes, não como um dogma, mas como uma ferramenta para luta revolucionária, para luta de organização da classe trabalhadora. (Kaique, entrevista concedida à autora, 2024)

O coordenador apresenta vasto conhecimento sobre a pedagogia crítica, articulando teóricos do tema, assim como articula com sua área de conhecimento, as Ciências Biológicas. Tal ação é entendida como uma ação política de coordenar um movimento de educação popular em prol da moradia popular, assuntos presentes nos trechos citados.

A partir disto, foi realizada uma pesquisa literária e conceitual, para entender como estes teóricos citados articulam suas concepções de educação popular. Uma delas, é Demerval Saviani (1943), pedagogo brasileiro conhecido por sua corrente pedagógica histórico-crítica.

“Enfim, o método da pedagogia histórico-crítica procura incorporar os conhecimentos pedagógicos articulando-os com os modos de produção da existência humana. E uma das linhas de investigação que se encontra em desenvolvimento é exatamente a fundamentação da pedagogia histórico-crítica a partir da explicitação dos modos de produção da existência humana desenvolvidos ao longo da história” (Saviani, 2020, p. 34)

Compreendemos que a Pedagogia Histórico-Crítica possui seus métodos pedagógicos próprios, a partir das experiências e conhecimentos adquiridos ao longo da história humana, articulando diversos saberes, histórias e experiências. Outro teórico citado, Paulo Freire (1921-1997), estuda a educação progressista e a define como uma forma de acesso da população vulnerável socialmente à educação. É a partir de reflexões quanto à realidade objetiva, política e social, que é possível desenvolver conscientização aos envolvidos neste processo educativo.

Para Freire (1983), ao ligar-se a uma das tendências da moderna concepção progressista, admite que é necessário tornar a educação acessível às camadas populares. Porém, a educação cumprirá caráter político e social na medida em que possa criar o espaço de discussão e problematização da realidade, com vistas à educação consciente, voltada para o exercício da cidadania por sujeitos

comprometidos com a transformação da realidade, envolvendo jovens e adultos nas mais diversas dimensões. (SCORTEGAGNA et. OLIVEIRA, 2006, p. 13)

A especialista em História, Lima (2023), viabiliza uma pesquisa, em sua introdução, sobre as diferentes formas de resistência da educação popular. O território de resistência é entendido como meios de elaborar planos para expandir seus valores ou reivindicações. Este campo territorial pode ser composto por memórias, histórias e outras maneiras de enfrentar adversidades enquanto movimento social.

Para entender mais um pouco sobre como funcionam tais atividades educativas, temos exemplos de como funcionam as mesmas em um território de educação popular dos movimentos sociais, em que alguns deles são enumerados e possuem sua descrição na próxima citação:

Alguns dos territórios de resistência da educação popular dentro dos movimentos sociais incluem:

- 1- Oficinas e rodas de conversa: organização de encontros educativos onde ocorrem trocas de conhecimentos, debates e a construção coletiva de saberes. Estas atividades ajudam a fortalecer a consciência crítica e ações de transformação.
- 2- Escolas e centros de formação populares: Essas instituições são criadas pelos próprios movimentos sociais como espaços de educação alternativa, onde são abordados temas relevantes para a transformação social. São estruturas autônomas voltadas para a partilha de saberes e formação política.
- 3- Círculos de estudos: grupos de estudos que se reúnem regularmente para refletir sobre questões sociais, políticas e culturais. Através de leituras, análises e debates, busca-se aprofundar o entendimento dos participantes e fomentar a ação coletiva.
- 4- Mídias alternativas: utilização de meios de comunicação independentes, como rádio comunitária, jornais populares, blogs e redes sociais, para disseminar informações e promover debates sobre temas relacionados aos movimentos sociais e à transformação social.
- 5- Mobilizações e manifestações públicas: participar de protestos, marchas, ocupações e outras formas de ação coletiva é também uma forma de educação popular, pois envolve a conscientização, a expressão política e a resistência em massa. (LIMA, 2023, P. 5)

Nos territórios de resistência expressos pela autora é perceptível a existência de diversas formas nas quais a educação popular está presente, seja ela em rodas de conversa, onde é possível ter contato com a experiência próxima de sujeitos que constituem este processo. Assim como em escolas e locais de formação própria, elementos cruciais no papel da chamada transformação social, possuindo caráter político e de formação.

Os círculos ou grupos de estudo, a análise de conjuntura e que fomenta a ação coletiva ou em grupo e também a participação nas redes sociais, as palestras, a convivência com grupos de apoiadores e suas atividades, que direcionam as ações do território de resistência a um engajamento externo, de fora para dentro. E por fim, as mobilizações, manifestações, também presentes na análise realizada sobre a Ocupação Carlos Marighella, tais territórios fazem-se presentes no cotidiano de dois anos de atividades dos moradores.

A experiência de reflexão destas perspectivas pedagógicas, ao possuírem um objetivo em comum com a prática educativa de entender processos político-sociais é a de incitar uma conscientização sobre processos próprios do território de resistência.

Portanto a reflexão trazida por essa pesquisa, diz respeito à necessidade política e pedagógica de se pensar o movimento social e seus territórios de resistência como uma das matrizes pedagógicas fundamentais na reflexão de um projeto educativo que se contraponha aos processos de exclusão social, e que ajude a reconstruir a perspectiva histórica e a utopia coletiva de uma sociedade com justiça social e trabalho para todos. (LIMA, 2023, P. 2)

Para além de tal quadro de conjuntura política, o processo educativo entra como contraponto a uma perspectiva histórica de exclusão social, tendo o processo educativo como uma chave para o alcance da justiça social ou para a conscientização política a partir destes territórios. Iremos introduzir um pouco sobre como é o processo de construção dos projetos e planos de aula, que é conversado através de assembleias com os coordenadores e moradores da ocupação Marighella, e a ação de escrever as demandas da própria comunidade e de traçar planos e projetos para serem desenvolvidos durante o período de um ano ou um semestre.

Autora: Em que critérios vocês se apoiam para escolher esses cursos e atividades?

Kaique: o critério é um plano elaborado junto com os moradores sobre as demandas reais da comunidade e do movimento, do território e da parte organizativa e depois nós filtramos. O que é possível fazer e o que nós ainda não temos pernas, não temos braços imensos suficiente para fazer, então todos esses planos são elaborados junto com a comunidade e mesmo depois de ouvir e processar as demandas da comunidade, nós julgamos e selecionamos o que é possível fazer no momento e o que vai ser possível fazer no futuro, então os planos são elaborados em cima disso, mas absolutamente todos os tópicos abordados tanto globalmente, quanto localmente tem a ver com demandas espontâneas e não espontâneas do movimento. (Kaique, entrevista concedida à autora, 2024)

O processo descrito pelo coordenador, perpassa as condições analisadas previamente de realização dos projetos, das aulas, do que é possível ou não fazer. Para além disso, os critérios pedagógicos que estão fundadas estas práticas da educação popular, referencia-se Freire em suas reflexões sobre a mesma, em que o trabalho envolvido é diversificado, coletivo e participante:

“Assim, realizar a educação do povo tendo como base a teoria de Freire significa realizar um trabalho de conscientização política, ou seja, de leitura crítica do mundo, que caminha junto com o processo de construção e reconstrução do conhecimento e que implica em ação, em intervenção no mundo. Nesta perspectiva, a revolução deve ser entendida como um processo de mudanças, de avanços e não apenas de rupturas, embora a utopia seja a de chegar às rupturas, uma vez que a proposição é a transformação radical da sociedade. Conflito e consenso fazem parte e a revolução requer a construção do poder em novas formas de relação, sendo um processo que necessita da hegemonia de uma nova forma de educar.

Deste modo, protestos, ocupações, marchas, entre outras manifestações populares, resultantes do processo de organização também política do povo, que se coloca na sociedade para ser ouvido e visto, como sujeito, além de importantes, neste caminhar, são absolutamente necessários, mesmo quando reprimidos com violência, como tem ocorrido em inúmeras ocasiões.” (PALUDO, 2008, P. 11)

A participação deste processo de leitura crítica do mundo, como descrito na citação acima, perpassa as construções de conhecimento que atuam no mundo, o processo de mudança radical de uma sociedade, presentes em manifestações, marchas, protestos, entre outras formas de se colocar no mundo e possuir uma pauta de luta política. Desse modo, coordenadores e moradores se reúnem em assembleia, e programam com convidados e educadores populares, os projetos e planos de aula, como serão desenvolvidos e quais os assuntos e temas envolvidos, que veremos no tópico a seguir.

### 3.2. OS PROJETOS

Neste item, iremos explicitar os projetos em andamento durante o ano de 2024, na Ocupação Carlos Marighella, a trajetória dos educadores populares na educação popular, o desenvolvimento de seus projetos da escola popular da ocupação e outras perspectivas.

As entrevistas com as educadoras populares e discentes dos cursos de Engenharia Sanitária e Ambiental da UFSC, que participam de projetos de extensão

que compõem os projetos da escola popular Marighella, foram realizadas através de questionário online, que estão disponíveis no anexo final deste trabalho, sendo realizados pelas educadoras.

Autora: Pode falar um pouco sobre a sua trajetória profissional? Você trabalha como professora? Onde? Há quanto tempo?

Professora Célia: Já trabalhei como professora, mas já faz um bom tempo que estava afastada dessa temática, aluno em sala de aula. Fiz Magistério, fiz os estágios obrigatórios, e no estágio final a direção da escola pediu para a prefeitura que eu ficasse na escola, eu fiquei o ano inteiro com a turma de 5º ano, e depois segui na escola com aulas de língua portuguesa, e de dinâmicas de jogos educacionais. Depois segui contratada pela prefeitura da minha cidade Natal e fui para a educação infantil, no início fui meio resistente, até porque eu só tinha trabalhado com turmas de 3º ano pra cima, e educação infantil foram poucas vezes e sempre com supervisão, mas como precisava trabalhar, encarei, e foi maravilhoso, me conectei com as crianças, e por meio ano eu tive até uma aluna autista nível de suporte alto, e foi muito tranquilo trabalhar com ela e com a família. E as crianças ficaram muito tranquilas com a presença dela, e comigo. <sup>2</sup> (Célia, entrevista concedida à autora, 2024)

Este trecho trata um pouco sobre a trajetória na educação pela professora que contribuiu na construção do projeto de Educação Jurídica, este exposto a seguir, o qual discutiremos mais adiante.

 <p>Ocupação Marighella</p>
<p>Plano de ensino de Educação Jurídica</p>
<p><b>Curso:</b> Educação Popular  <b>Disciplina:</b> Educação Jurídica Geral  <b>Turma:</b> 1  <b>Ano/período:</b> 2024/1 semestre e 2024/2 semestre  <b>Carga horária:</b> 3 horas/aulas</p>
<p><b>Objetivo</b></p>
<p>Identificar e aplicar os principais métodos relacionados a direitos sociais e sua importância na vivência da Ocupação.          Compreender a crise de paradigmas e o enfoque nos Direitos Sociais.          Desenvolver uma consciência para interpretar e aplicar os conhecimentos na vida prática e cotidiana.</p>
<p><b>Programa da disciplina</b></p>

<sup>2</sup> Célia Beatriz Rodrigues dos Santos é educadora popular do projeto de Educação Jurídica Popular na Ocupação Carlos Marighella, a entrevista foi realizada através de texto online com roteiro pré-produzido, datada de 23 de maio de 2024.

06/04/2024

UNIDADE 1 - NOÇÕES GERAIS E INTRODUÇÕES A EDUCAÇÃO JURÍDICA POPULAR

- 1.1 Demandas da Comunidade;
- 1.2 Conhecimentos desejáveis;
- 1.3 Combinações Gerais para o desenvolvimento da disciplina.

20/04/2024; 04/05/2024 e 18/05/2024.

UNIDADE 2 - DIREITO E ACESSO À MORADIA DIGNA

- 2.1 Direito à Moradia Digna: Princípio da Função da Propriedade e Conceito Constitucional de Moradia.
- 2.2 Direito à Moradia Digna: O que está Posto no Direito Civil Brasileiro
- 2.3 Plano Direitos do Município de Palhoça
- 2.4 Movimentos Sociais para Aquisição desse Direito
- 2.5 Ocupação Marielle Franco em Florianópolis: trâmites para a regularização e a construção de Moradias Populares;
- 2.6 Para além da Moradia: Outros direitos na extensão à Moradia, Lazer, Educação e Alimentação

01/06/2024 e 15/06/2024

UNIDADE 3 - Violências Policiais Estatais Contra Ocupações de Moradia Urbana

- 3.1 O (im)proceder do Estado nos Direitos Humanos;
- 3.2 O (des)serviço do Estado nas Políticas Públicas Sociais de Segurança Pública;
- 3.3 A Aporofobia do Estado e da Sociedade em Geral para com comunidades periféricas;
- 3.4 Novo formato de Legislação para Punir o Estado em Relação às Violências Policiais Praticadas. (Aula com convidada a marcar)

29/06/2024 (convidado); 13/07/2024 e 27/07/2024

UNIDADE 4 - Direitos Educacional: Políticas Públicas para o Acesso à Educação Superior Pública e Privada.

- 4.1 Os quatro Pilares da Educação com Base na Literatura de Mário Sérgio Cortella (convidado será responsável pelo conteúdo)
- 4.2 Acabei o Ensino Médio, e agora o que eu vou fazer? A escolha de uma profissão e seu processo formativo;
- 4.3 Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), inscrição, provas, notas e sua aplicabilidade;
- 4.4 Entrei na Universidade e agora, como permaneço nela? Bolsas, Políticas de Assistência e Permanência, o Descobrimto de funções básicas para o primeiro semestre.
- 4.5 Os desafios a cada semestre do curso: O Grande Jogo de Raça e Classe nas Universidades.

10/08/2024 e 24/08/2024

UNIDADE 5 - Direito do Trabalho e Direito Previdenciário: Uma perspectiva Sob o Olhar do Trabalhador

- 5.1 Para onde Caminhou nossa Legislação Trabalhista e Previdenciária após as duas grandes Reformas dos últimos anos?
- 5.2 Abuso de autoridade, exploração da mão de obra, benefícios exploratórios, saúde mental: problemáticas no ambiente de trabalho;
- 5.3 Compreender direitos para exigir seu cumprimento
- 5.4 Conhecendo as Autarquias e Poderes do Estado onde posso acessar meus direitos trabalhistas e previdenciários

14/09/2024 e 28/09/2024

UNIDADE 6 - Direito e Gênero - Mulheres: um olhar para além nossos corpos

- 6.1 Saúde Feminina; Saúde Mental, Saúde Física;
- 6.2 Nosso “eu feminino” e os espaços que ocupamos na sociedade;
- 6.3 O que realmente quer dizer a Palavras MACHISMO: O OLHAR DAS MULHERES DA OCUPAÇÃO MARIGHELLA
- 6.4 Debates e assuntos e diálogo de vida

19/10/2024 e 09/11/2024

UNIDADE 7 - Conhecendo o Plano da Juventude Negra

- 7.1 Compreender a importância Macro e Micro Social desse Plano;
- 7.2 Principais e iniciais objetivos do Plano;
- 7.3 O que isso impacta na sociedade como um todo?
- 7.4 Após 7 meses de implantação, quais mudanças significativas já trouxe

23/10/2024 e 07/12/2024

Organização e Combinações para o Ano de 2025.

OBSERVAÇÃO: É UM PLANEJAMENTO QUE PODE SER ALTERADO CONFORME FOR SENDO DESENVOLVIDO E SEMPRE LEVANDO EM CONSIDERAÇÃO OS MAIS INTERESSADOS, OS MORADORES DA OCUPAÇÃO!

Autora: Como foi o processo de construção deste projeto de educação jurídica? Foi uma ideia sua?

Professora Célia: Quando me dispus a ir trabalhar na escola da ocupação era para trabalhar com as aulas de reforço das crianças, mas ao conversar com o Kaique, ele me deu a ideia já que eu fazia direito e em finaleira de curso, trabalhar educação jurídica popular com o pessoal, ele me trouxe a demanda inicial para ser trabalhado e as demais eu fiz com o pessoal da ocupação em 2 encontros que tive com eles. (Célia, entrevista concedida à autora, 2024)

Esta educadora possui experiência com a docência. Ao dialogar com o coordenador decidiram em conjunto com a ocupação realizar o plano de aula, que está exposto acima. Este cronograma, vai até o final de 2024, com as temáticas que surgiram durante essa conversa com os moradores, a partir de suas demandas e necessidades de conteúdo programático.

Autora: Você acha que esse projeto de formação responde às demandas da ocupação? De que modo?

Professora Célia: Com toda certeza responde às necessidades deles, pelo fato de que foi construído com eles, e ouvindo os anseios de cada um e do grupo como um todo.

Autora: Em termos pedagógicos, como você organizou o projeto? Você se fundamenta em alguma concepção pedagógica?

Professora Célia: Usei um pouco da minha experiência das Didáticas do Magistério e também da Graduação. (Célia, entrevista concedida à autora, 2024)

Reforçando então, a construção coletiva destas aulas, onde é possível sentar, escutar, dialogar e absorver essas demandas dos ocupantes e procurar atendê-los com as ferramentas possíveis de um educador com experiência prévia em docência. Embora, a prática da educação popular seja algo inovador e impactante.

Autora: Para que nível de escolaridade suas aulas são direcionadas?

Professora Célia: Tento sempre acompanhar o ritmo do pessoal, até porque são todos plurais, procuro usar uma linguagem menos técnica possível, e deixar sempre eles interagirem do jeito deles, e sem criar constrangimentos para ninguém.

Autora: O projeto tem algum momento pedagógico em que os participantes possam elaborar sínteses, relacionar os conteúdos com as suas experiências de vida?

Professora Célia: Todas as aulas são feitas de maneira prática e que eles já possam sair dali sabendo como aplicar no cotidiano o que foi aprendido.

Autora: Como você avalia essa experiência de formação?

Professora Célia: Não posso fazer uma avaliação agora, pois ainda temos um caminho longo a percorrer, e ver os resultados a longo prazo dessas aulas, e do funcionamento delas. Mas a ideia proposta está em construção, e com uma boa construção e de bastante interesse da comunidade da ocupação. (Célia, entrevista concedida à autora, 2024)

A educadora expressa nestes trechos a importância dos temas de suas aulas, os quais foram discutidos previamente com os moradores, extraídos então de demandas e assuntos que surgiram nas discussões realizadas entre eles. Entendemos também que o nível de escolaridade é algo que pode ser desconstruído com uma certa delicadeza ao ensinar, evitar jargões ou linguagens técnicas, que podem afastar o educando. E desse modo incentivar a interação e os pensamentos que possuem sobre tal assunto ou tema.

Exporemos e falaremos sobre o projeto de educação ambiental popular, que também está acontecendo durante o ano de 2024 na Ocupação Carlos Marighella. Este projeto é vinculado ao curso de Engenharia Sanitária e Ambiental da Universidade Federal de Santa Catarina e ao curso de Ciências Biológicas, de forma mais específica, o Núcleo de Estudos de Educação Ambiental (NEAMB) abre as

portas para estudantes de diversos cursos que gostariam de trabalhar e estudar a temática da educação ambiental.

Filho (2022) em seu Trabalho de Conclusão de Licenciatura em Ciências Sociais, reflete sobre a Educação Ambiental crítica, onde a mesma se fundamenta na relação e reflexão humano-natureza. Através da educação ambiental, a participação dos educandos nos temas sobre o meio ambiente pode impactar nas questões sócio-políticas, construindo uma cidadania responsável que pensa no coletivo e no social.

O desafio é formular uma Educação Ambiental que seja crítica e inovadora, entendida como educação política, no sentido de que ela foca a preparação dos cidadãos para exigir e reivindicar a justiça social, autogestão e ética nas relações sociais, assim também com a natureza, uma educação para a cidadania ambiental ou eco cidadania (TRISTÃO, 2009) citado por (FILHO, 2022)

No caso da Ocupação Marighella, o NEAMB possui um projeto específico para estudar a educação ambiental na ocupação, trazendo seus discentes e bolsistas de extensão para uma jornada de imersão na ocupação, é realizada primeiramente um mapeamento e depois, como é descrito na entrevista, as aulas em si, como uma parte da extensão do projeto.

Autora: Pode falar um pouco sobre a sua trajetória profissional ou acadêmica? Você trabalha como professora ou participa de algum projeto de extensão? Onde? Há quanto tempo?

Educadora/discente: Atualmente sou estudante do primeiro semestre da graduação de engenharia sanitária e ambiental, vim de transferência do curso de engenharia naval, que cursei por 3 anos. A mudança se deu pela maior identificação com a área ambiental do que com a naval. Antes do projeto nunca havia atuado como educadora e nem havia pensado nesta possibilidade, mas achei o projeto uma ótima oportunidade. (Discente, entrevista concedida à autora, 2024)

Nesta primeira questão, podemos ver que a prática da docência ou se tornar uma ou um educador popular é algo a se experimentar, mesmo não possuindo experiência prévia.

Autora: Como foi o processo de construção deste projeto de educação ambiental?

Educadora/discente: A solicitação para o início do projeto partiu dos moradores, com o objetivo de adquirir o conhecimento necessário para solucionar os problemas de saneamento que enfrentam na ocupação.

Autora: Você acha que esse projeto de formação responde às demandas da ocupação? De que modo?

Educadora/discente: Em minha opinião, levando em conta o pouco que vi na ocupação e os relatos antigos, a formação agrega muito aos moradores e está caminhando para a melhora da qualidade de vida deles. Atualmente já vemos composteiras sendo criadas, separação do lixo sendo feita e uma melhor noção dos seus direitos em relação ao saneamento.

Autora: Em termos pedagógicos, como foi a organização do projeto? Tem seu fundamento em alguma concepção pedagógica?

Educadora/discente: O projeto segue a concepção Freiriana, buscando sempre programar seu conteúdo com base nas necessidades da comunidade. Além disso, o projeto também se comunica com algumas metas do Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, como com a meta 7<sup>3</sup> do ODS 4, que é a garantia de que todos tenham conhecimentos e habilidades para promover o desenvolvimento sustentável. (Discente, entrevista concedida à autora, 2024)

A partir destas questões, podemos entender que o projeto surge de uma necessidade da própria ocupação e esta relação com discentes e universitários é algo a se explorar e de criar vínculos para que este conhecimento seja repassado de forma leve e que atinja o objetivo da educação popular.

Autora: Para que nível de escolaridade as aulas são direcionadas?

---

<sup>3</sup> “4.7 Até 2030, garantir que todos os alunos adquiram conhecimentos e habilidades necessárias para promover o desenvolvimento sustentável, inclusive, entre outros, por meio da educação para o desenvolvimento sustentável e estilos de vida sustentáveis, direitos humanos, igualdade de gênero, promoção de uma cultura de paz e não-violência, cidadania global, e valorização da diversidade cultural e da contribuição da cultura para o desenvolvimento sustentável.”  
Fonte: [https://www.trt7.jus.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=4599&catid=152&Itemid=885#:~:text=Metas%20do%20ODS%204&text=4.4%20At%C3%A9%202030%2C%20aumentar%20substancialmente,emprego%2C%20trabalho%20decente%20e%20empreendedorismo](https://www.trt7.jus.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4599&catid=152&Itemid=885#:~:text=Metas%20do%20ODS%204&text=4.4%20At%C3%A9%202030%2C%20aumentar%20substancialmente,emprego%2C%20trabalho%20decente%20e%20empreendedorismo) Último acesso em: 19/06/2024.

Educadora/discente: As aulas são direcionadas para todos os níveis de escolaridade.

Autora: O projeto tem algum momento pedagógico em que os participantes possam elaborar sínteses, relacionar os conteúdos com as suas experiências de vida?

Educadora/discente: Sim, buscamos sempre começar as aulas com uma pergunta problematizadora que posteriormente é associada com uma situação do dia a dia dos moradores. Durante a apresentação do conteúdo também são abertos momentos para que eles compartilhem o que já sabem e quais experiências já viveram. (Discente, entrevista concedida à autora, 2024)

As atividades durante as aulas são dadas de forma oral, realizando uma pergunta problema no início e abrindo para os moradores poderem fazer suas narrativas, contar histórias e experiências. A aula é então construída coletivamente com a mediação destes educadores/discentes.

Autora: Como você avalia essa experiência de formação?

Educadora/discente: Está sendo uma experiência de grande impacto, a cada aula sinto uma troca de conhecimentos maior, às vezes sinto que aprendo mais com os moradores do que ensinamos. São experiências de vida muito diferentes que agregam muito para o desenvolvimento do projeto e pessoal também. (Discente, entrevista concedida à autora, 2024)

Podemos inferir que os objetivos das aulas realizadas pelas discentes, faz jus com o entendimento de educação ambiental, proposta por licenciados que estudam tais atividades.

A educação ambiental, devidamente entendida, deveria constituir uma educação permanente, geral, que reage às mudanças que se produzem em um mundo em rápida evolução. Essa educação deveria preparar o indivíduo, mediante a compreensão dos principais problemas ambientais do mundo contemporâneo, proporcionando-lhe conhecimentos técnicos, qualidades necessárias para desempenhar uma função produtiva, com vistas a melhorar a vida e proteger o meio ambiente, prestando a devida atenção aos valores éticos. (FILHO, 2022, p. 24)

Para finalizar este item, sinalizo a atenção para com o perfil dos(as) educadores populares participantes dos projetos citados, advindas de diversas áreas

de conhecimento, com formação em ensino superior. Mesmo possuindo ou não experiência na área da docência, o fato de estarem inseridas no contexto da ocupação e conhecerem as demandas dos moradores, possibilitou que elaborassem planos de ensino e de aulas que respondiam às necessidades educativas na Ocupação. Essa foi mais uma das características observadas nesse contexto. E de certa forma, fazem jus com às concepções de educação popular trazidas pelo coordenador entrevistado e por alguns referenciais teóricos trabalhados anteriormente.

### 3.3. A PERCEPÇÃO DOS OCUPANTES

Iremos introduzir então algumas moradoras com as quais foram realizadas as entrevistas. Focaremos nas suas avaliações e participações nestas aulas, assim como em apresentá-las, tratando um pouco de suas trajetórias na ocupação e na educação formal.

Autora: Como é que foi a sua trajetória na ocupação?

Débora: Foi muito bem, em relação a tudo, o companheirismo, a amizade na ocupação, todo mundo te ajuda, em tudo, na cozinha, todo mundo se ajudava. Agora cada um tem a sua cozinha, mas antigamente todo mundo te ajudava ou era comprando pão ou era o café ou era açúcar até o frango, todo mundo te ajudava a comprar. (Débora, entrevista concedida à autora, 2024)

A moradora se refere aos primeiros momentos da Ocupação, onde foi moradora desde a primeira fase (Domingos, 2023, p. 35), cita a cozinha coletiva, onde a despensa era utilizada por todos, tendo as tarefas de cozinha, limpeza e corte de alimentos distribuídos coletivamente entre os e as moradoras.

Figura 6 – Organização da despensa de alimentos



Fonte: Trabalho de TCC (Domingos, 2023, p. 42)

Autora: De que experiências educativas, você já participou na ocupação?

Débora: Por enquanto apenas uma aula. Mas no ginásio teve aquelas aulas de reforço, mas foram poucas também.

Autora: Pode comentar sobre essas experiências, você teve conteúdos, atividades ou leituras?

Débora: Teve a leitura sobre quando começou com a Célia, foi sobre agressão à mulher, sobre a educação de jovens adultos, de crianças e também sobre a parte jurídica.

Autora: Qual sua avaliação sobre essas experiências? O que você achou mais interessante?

Débora: Eu achei assim bom, para saber mais sobre a área da jurídica, sobre agressão à mulher, que isso é uma dificuldade hoje em dia, para mulher, sobre agressão física, tudo enfim, são experiências que as aulas que você pode levar como instrução, tipo um aprendizado para vida. (Débora, entrevista concedida à autora, 2024)

Assim como foi dialogado no item 2.3, a educação popular inclui o conhecimento da realidade social, enquanto potencial libertador dos educandos. (Brandão citado por Gerhardt e Frantz, 2019). O assunto da violência contra a mulher ser debatida entre os moradores, com uma mediação a partir de uma educadora popular formada em Direito, traz à luz um compartilhamento destas experiências e é algo a se agregar às moradoras.

Autora: Qual o nível de Formação que você possui?

Débora: Em escola, até a sétima série do fundamental.

Autora: Na sua opinião, o que a ocupação Marighella e os movimentos sociais podem contribuir para a sua educação?

Débora: Podem contribuir em tudo, enfim. Eu não sei o que dizer, mas em tudo eles estão contribuindo.

Autora: Se puder contar um pouco da sua história educacional, talvez um sonho a se alcançar no futuro.

Débora: Eu queria ter terminado a escola, terminar tudo, para ir para faculdade, que o meu sonho era trabalhar com criança. Tipo na área de pedagogia, trabalhar com criança um pouquinho, tanto que eu sou apaixonada. Adoro crianças, então era isso: o meu sonho era trabalhar com as crianças. (Débora, entrevista concedida à autora, 2024)

Neste trecho, de caráter informativo e concernente à pesquisa, a moradora demonstra o interesse em um dia concluir o ensino médio e cursar uma faculdade de Pedagogia, pois se interessa em trabalhar com crianças. Também informa que sua

demanda mais urgente é a demanda por creche perto de sua moradia, algo que pode vir a ser um projeto, ou uma nova pauta de luta específica para a comunidade de ocupantes.

Autora: De quais projetos você participou ou participa da escola na Ocupação Carlos Marighella?

Deisiane: No caso, a aula sobre educação ambiental.

Autora: Desde quando você participa da ocupação?

Deisiane: Na ocupação, eu já moro aqui há um ano e três meses.

Autora: Como é que foi o processo para chegar aqui?

Deisiane: Eu morava de aluguel. Minha família é de longe, então no caso, eu sou sozinha. Na verdade, é que eu não tenho um parente, nada de sangue. E o aluguel hoje é muito difícil. Eu trabalho, meu salário não é bom e todo mundo também tem um sonho de ter o seu cantinho, mas também a gente não consegue hoje ter por exemplo, eu não consigo ter 150 mil 200 mil para dar em uma casa, realmente não tenho, então quando eu conheci o projeto até então todo mundo dizia que era invasão e tal. Eu resisti até um tempo, mas depois que eu conheci o Filipe, ele me mostrou o que significava a ocupação, o que como era o projeto, aí eu meti as caras e disse, vou para a luta e estou junto. (Deisiane, entrevista concedida à autora, 2024)

Neste trecho, de caráter informativo e concernente à pesquisa, a moradora conta sobre sua trajetória e reflexões até chegar e se tornar ocupante e moradora da ocupação Carlos Marighella. Fica evidente a reflexão trazida pela moradora, em que ao contar um pouco de sua trajetória até a ocupação, faz reflexões sociais, problematiza questões econômicas e políticas do quadro de moradia, assim como desfaz pensamentos preconceituosos inculcados no senso comum, de comparar uma ocupação à uma “invasão”. Coloca-se como sujeito transformador de sua realidade social.

Autora: De que experiências educativas, você já participou na ocupação? Quais atividades tiveram, se já teve alguma que você participou, como a horta comunitária ou mutirão de limpeza?

Deisiane: Sim, já participei.

Autora: Pode comentar sobre essas experiências?

Deisiane: É uma experiência legal. Querendo ou não, a gente vive no coletivo, então quando a gente às vezes, é tipo assim, a gente não entende muito bem o que é o coletivo até a gente começar a participar. Então, o coletivo na verdade é você cuidar do ambiente como coletivo e você automaticamente se cuidar e cuidar do próximo. Então para a minha experiência, cada dia que passa, cada dia que a gente vai participando, a gente aprende mais ainda e a gente aprende. Ainda tem desafeto por mais que às vezes a gente tenha “Ah, mas não é meu sangue” mas ali a gente entende muitas das vezes que a gente é camarada e que a gente precisa um do outro. (Deisiane, entrevista concedida à autora, 2024)

A reflexão da moradora quanto à coletividade é extremamente importante e pertinente ao próprio objetivo da educação popular, pela qual se entende que o coletivo é algo no qual existe a construção de experiências e aprendizados.

Autora: Qual o nível de formação que você possui?

Deisiane: Eu tenho faculdade, mas está trancada. Curso Recursos Humanos.

Autora: Na sua opinião, o que a ocupação Marighella e os movimentos sociais podem contribuir para a sua educação?

Deisiane: Muito! Primeiro que ele tem projetos. Ele tem, na verdade é como eu falei logo no início. Eu achava que era uma coisa assim. “Ah aleatória, era só morar” então o que pode contribuir para mim hoje, de educação ambiental, então assim, abrir abre muito a nossa cabeça. A gente aprende muito a ser até ser como pessoa. Então assim para mim é excelente.

Autora: Se você pudesse opinar. Que cursos ou atividades educativas você proporia para a coordenação?

Deisiane: Eu acho que o curso de crochê, eu acho que seria legal. Até mesmo para as pessoas que não trabalham. Às vezes não tem aquela atividade diariamente, então já é uma forma até de ocupar a cabeça, é tipo assim uma aula de futebol também seria legal. Os finais de semana até para as crianças. Se movimentarem, eu acho que seria bom, tipo pintura, aprender design, aprender a fazer grafitti ou essas coisas assim de pintura.

Autora: Se pudesse contar um pouco da sua história educacional, perspectivas. Talvez um sonho a se alcançar.

Deisiane: Sim, tenho sim. Eu tenho o meu maior sonho na verdade. Ter uma formação acadêmica. Apesar de que não é fácil vir de um estado para o outro, é uma adaptação muito, muito, muito complexa, mas para mim o meu sonho, no caso o primeiro sonho é ter uma formação acadêmica e eu vejo também aqui como um incentivo, é algo que desperta em mim. (Deisiane, entrevista concedida à autora, 2024)

Nesta entrevista, podemos perceber diversas peculiaridades, quanto ao entendimento das experiências educacionais, as propostas de outras atividades que abrangem passatempos e hobbies, e por fim, um sonho, meta ou objetivo que a moradora pretende ou gostaria de alcançar. Continuamos com as percepções de outras moradoras a seguir.

Autora: na sua opinião, o que a ocupação Marighella os movimentos sociais podem contribuir para a sua educação?

Érica: Eu acho que isso daí é um aprendizado, né? Uma expansão de entendimento a gente às vezes é realmente muito fechada, então cada aula, ainda que tu não aprendas tanto, tu consegues captar ali um pouco. Teve várias aulas, mas eu me interessei bastante sobre a parte da água. Então foi tudo que eu aprendi, mas teve ali coisa que eu peguei para minha vida. Então eu acho bem interessante, importante até levar isso para ver.

Autora: qual o nível de Formação que você possui?

Érica: Fundamental incompleto.

Autora: O coordenador comentou que terá o reforço escolar, que vai ter o projeto EJA e o Encceja.

Érica: Seria bom ter porque eu não terminei. Então, mas queria terminar, mas com criança, a gente não dá muito apoio pra mãe solteira, é? É muito aquele negócio de, tu sabes que tu não podes deixar sozinho, mas você pode ficar para mim então? “não, não posso”, te acusam mas não podem te ajudar. (Érica, entrevista concedida à autora, 2024)

Essa entrevista é um pouco mais breve, mas também percebemos os níveis de formação e quais foram os seus interesses enquanto estudante da escola popular.

Autora: De qual projeto da educação da escola popular da Marighella, você já participou?

Jennifer: Ah, eu estou participando do curso de leis jurídicas e do curso ambiental.

Autora: Desde quando você mora e desde quando você participa da ocupação Carlos Marighella?

Jennifer: já tem um ano e uns três meses.

Autora: Como foi o projeto para chegar até aqui?

Jennifer: Ah, com certeza a questão mais dos aluguéis que aqui em Santa Catarina são super caros e eu sou uma pessoa só aqui, solteira com salário que a gente recebe para se manter é complicado. Mas quando eu cheguei confesso que eu achei que eu não ia ficar por muito tempo porque foi bem difícil, era tudo muito novo e muito difícil, muito complicado. Achei que eu não ia aguentar, mas fiquei, tô aqui até hoje e com o passar do tempo foi melhorando muita coisa, a gente foi se unindo mesmo, criando laços e eu acho que foi o que fez eu continuar aqui.

Autora: se quiser comentar sobre as experiências que você teve com a escola, conteúdos, atividades, leituras...

Jennifer: É bom porque acaba preparando a gente que sempre vem questão da prefeitura, polícia para cima e a gente sabe como se defender. Já fica todo mundo com o celular preparado para gravar tudo porque depois eles sempre distorcem, vão para as mídias e falam coisas que não aconteceram e é uma coisa que vai preparando a gente bem melhor para se defender mesmo.

Autora: qual a sua avaliação sobre essas experiências. O que você achou mais interessante?

Jennifer: A questão de sempre são pessoas que já estão, já são preparadas, então passando mais conhecimento para a gente, fazendo com que a gente se prepare também.

Autora: Qual o nível de Formação que você possui?

Jennifer: eu curso Serviço Social, na Unopar.

Autora: na sua opinião, o que a ocupação Marighella e os movimentos sociais podem contribuir para a sua educação?

Jennifer: Ah muita coisa, porque fala muito sobre a questão política e a gente já vai se preparando cada vez mais contra violência policial, que é o que a gente mais sofre aqui também e é isso.

Autora: se você pudesse opinar. Que cursos ou atividades educativas você proporia para a coordenação do movimento?

Jennifer: Seria bom aula de danças. Talvez porque tem um grande grupo de idosos aqui e a questão do futebol para as crianças sempre ter lazer, talvez biscuit ou algo artesanato para as mulheres solteiras ter uma forma de renda.

Autora: se pudesse contar um pouco de sua história educacional, perspectivas. Talvez um sonho a se alcançar.

Jennifer: É uma coisa que no Maranhão, essas questões de ocupação, não é? Lá é mais como invasão, aqui, a gente já abriu mais a mente, o Filipe (coordenador) passa uma visão diferente e vocês profissionais, quando vêm, abre mais a mente da gente. E é uma coisa que eu tô me aprofundando cada vez mais, não tinha interesse de fazer Serviço Social, vim ter mais vontade aqui por isso, porque eu acho que eu sou uma pessoa, às vezes muito agressiva ou barraqueira. Então era uma área que eu achava não muito boa para mim, por isso, mas como a gente vai aprendendo eu tô me moldando cada vez mais. Eu quero continuar isso. (Jennifer, entrevista concedida à autora, 2024)

A entrevista com a moradora Jennifer foi frutífera no sentido de entender sua trajetória na Ocupação, como foi chegar até a Ocupação e desconstruir o conceito de invasão, muito usado pelo senso comum. Quanto à sua formação, no momento, está cursando faculdade e possui uma conexão com a questão política, que comentamos acima. E, também, sobre seus objetivos futuros.

Autora: Desde quando você participa da ocupação Carlos Marighella?

Idelvana: Eu estou aqui há um ano e oito meses já e depois de dois três meses que eles entraram aqui nós já chegamos também.

Autora: na sua opinião, o que a ocupação Marighella e os movimentos sociais podem contribuir para a sua educação?

Idelvana: Pode contribuir muito. Porque veja assim, é como eu falei na nossa aula de hoje, aparentemente para as pessoas que estão de fora, que aqui é um lugar, tipo assim, abandonado na mente das pessoas e da sociedade, que aqui só tem pessoas que são vagabundos e drogados. Essa é a visão de muitas pessoas, só que com a chegada de muitos educadores que vieram, a oportunidade de conhecer muitas pessoas diferentes. Mas vem vários alunos e eles começam a repassar essa experiência. Para a gente ver o quanto a gente é importante e o quanto aí que a gente não é abandonado, que a gente tem um valor, entendeu? E vocês conseguem trazer isso para nós de uma forma assim, passar o conhecimento de vocês para nós, se entender, que daqui a gente pode tirar coisas boas.

Autora: Se pudesse opinar, que cursos ou atividades educativas você proporia para a coordenação do movimento?

Idelvana: eu acho que uma se tivesse um curso de psicologia aqui seria muito bom, porque essa é uma turbulência, a gente tem que aprender a conviver em comunidade com pessoas de diferentes religiões, raça, condições financeiras e conhecimento também. Tem muitas pessoas que são analfabetas. Então, eu acho que um trabalho de psicólogo para trabalhar em cima disso, é ensinar as pessoas como a conviver em comunidade. Estamos indiferentes, trazer para eles a realidade que nós somos uma família, a gente não vive muito esse mundo de "isso é meu". Seria bom que todos estivessem aprendendo junto assim, a gente tivesse mais coletividade. E outra área importante, também era focar no ensino, trazer professores para trazer aula de reforço para os alunos, para pessoas que estão estudando e tem dificuldade. Às vezes o pai e a mãe tem condição de pagar uma aula de reforço, é bom ter pelo menos uma vez no mês uma aula de reforço e descobrir como que o aluno não está se comportando em termos de conhecimento na escola. Às vezes não tem isso. E aí os pais não têm como pagar. E às vezes o aluno chega lá na frente sem saber de nada, porque não tem um acompanhamento. Não é isso, faz alguma coisa, eu acho que a gente precisa de muita coisa, mas assim são áreas, coisas que assim poderia contribuir muito, entendeu? E também esse sistema ambiental. Isso vai ser algo assim de suma importância para nós trazer, tipo assim uma atividade que vai trazer

benefícios para a própria comunidade. Então eu acho que a gente tem que focar muito mais nessa área do coletivo.

Autora: Se puder contar um pouco da sua história educacional, perspectivas. Talvez um sonho a se alcançar.

Idelvana: Futuramente eu tenho o desejo do meu coração de ainda fazer Psicologia. Eu penso muito assim de estudar e trabalhar com o público, ouvir pessoas, conversar com pessoas e passar minhas experiências, todo mundo tem uma história para chegar até aqui. Então assim é muito bom ouvir a história de alguém e tu também transmitir a tua experiência para alguém. (Idelvana, entrevista concedida à autora, 2024)

Nesta última entrevista, percebemos as singularidades, particularidades e reflexões quanto ao impacto de uma ocupação urbana na vida de uma moradora, a forma como entende essas relações, enquanto comunidade e coletivo. E, também, suas reflexões acerca dos projetos, sobre o quão isso pode ser frutífero em um determinado momento e que suas expectativas de vida, de alcançar e realizar sonhos também estão muito presentes em sua fala. Principalmente, de ouvir e ser ouvida.

Este capítulo trouxe as perspectivas pedagógicas dos projetos que estão em andamento na Ocupação Carlos Marighella. Estes projetos foram esmiuçados e descritos conforme o que foi observado diretamente e também a descrição conforme os coordenadores e professores destes projetos, ou núcleos envolvidos. Por fim, o texto comenta as entrevistas com os moradores da Ocupação, que descrevem suas trajetórias na ocupação e também falam um pouco sobre suas experiências educativas.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho, por meio dos estudos teóricos e da pesquisa empírica que foram realizados sobre o tema, permitiu compreender a construção e concepção sobre educação popular, através das lentes da Sociologia e da Educação. Neste caso, as entrevistas explicitaram muito do potencial e das atividades educativas que vem sendo desenvolvidas no projeto de escola popular da Ocupação Carlos Marighella. Constatou-se que as forças sociais envolvidas na construção dessa escola tem realizado um planejamento prévio para que possam ser projetadas e executadas – com atuação de diversos setores da sociedade, acadêmicos e discentes –, as ações educativas voltadas para os moradores que vivem e participam diariamente de uma ocupação urbana.

Esclarece que por meio dessas aulas e outras atividades educativas, os moradores vem tendo acesso a discussões e debates que ampliam suas visões sob a perspectiva coletiva da luta social por moradia. De fato, com este trabalho pudemos concluir que a escola popular estimula e possibilita aos moradores/ocupantes discutirem sobre diversos assuntos concernentes a sua realidade e condições de vida, trocarem ideias e análises sobre o movimento político de ocupação e as relações sociais nas quais estão inseridos, opinarem sobre como aplicam seus conhecimentos na vida cotidiana.

É por meio da educação popular e da luta coletiva que os moradores podem desenvolver suas potencialidades intelectuais e críticas, pelo acesso aos conhecimentos socialmente acumulados e pela reflexão coletiva sobre suas experiências de luta. Questionando as relações sociais capitalistas e pensando as possibilidades de vida social para além do trabalho cotidiano. Nesse processo, vai sendo criada uma rede de relações entre educandos e educadores, em prol de uma consciência social e política.

Portanto, este trabalho focou no exercício das discussões sobre o movimento social de luta por moradia e a construção de uma escola popular na Ocupação Carlos Marighella, por meio da iniciativa de coordenadores, moradores e educadores populares. As reflexões que originaram este trabalho basearam-se, assim, na pesquisa sobre esse processo de construção. Ao analisar o projeto

educativo da escola popular e as entrevistas realizadas, constatou-se que estão de acordo com os objetivos dos coordenadores entrevistados de desenvolver uma educação da e para a classe trabalhadora.

O que transparece nesta pesquisa é a singularidade de cada morador/estudante/ocupante na sua expectativa sobre o processo educativo e sua disponibilidade de assistir às aulas, realizar as discussões e reflexões propostas. O que motiva para futuras pesquisas, que poderiam acompanhar de perto os processos de ensino e aprendizagem e analisar os frutos de uma educação popular que pretende transformar e possibilitar um crescimento político coletivamente, em uma luta conjunta por uma vida digna. A existência de uma escola popular desenvolvida por coordenadores e educadores populares tende a se diferenciar de uma escola regular, enquanto espaço educativo de decisão coletiva, de reflexão e compartilhamento de experiências.

Este trabalho teve como procedimento metodológico principal a realização de entrevistas semi estruturadas com o coordenador da Ocupação, moradores e professores dos cursos ministrados na escola popular. Tais entrevistas abordaram a forma como foram construídos e desenvolvidos os projetos de educação popular na ocupação, dialogando, assim como exposto pelo coordenador da escola, com os autores que foram trazidos neste trabalho. Em uma espécie de discussão teórica associada à prática, foram minuciosamente escolhidos artigos que transmitissem metodologias na qual a experiência educativa na ocupação Carlos Marighella pudessem ser desenvolvidas.

Por fim, o trabalho aponta para a necessidade de um olhar atento para um momento histórico em que, através da união de trabalhadores, estudantes, ocupantes/moradores, vislumbra-se a possibilidade de transformar realidades, para além do ensino-aprendizagem, servindo também como momentos de partilha de experiências. Nesse processo foi possível trazer um pouco das vivências dos moradores, compartilhar análises com a própria comunidade, e ao mesmo tempo observar a construção coletiva de um processo educacional.

## REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **EDUCAÇÃO PÚBLICA, EDUCAÇÃO ALTERNATIVA, EDUCAÇÃO POPULAR E EDUCAÇÃO DO CAMPO: ALGUMAS LEMBRANÇAS E DIVAGAÇÕES**. Educ. Soc., Campinas, v. 42, e255951, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/wZq85C8yzypJzZnPwrJfxPq/?lang=pt>. Acesso em: 04/12/2023.

DOMINGOS, Larissa M. **“AQUI NO CAMBIRELA, RESISTE MARIGHELLA” - O Direito à Cidade e a Ocupação Carlos Marighella**. Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais. Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/252886> Último acesso: 13/05/2024.

FILHO, Roberto Carlos Amaro. **MEIO AMBIENTE E O ENSINO DE SOCIOLOGIA: AS POSSIBILIDADES DE UMA EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA DE SANTA CATARINA**. Trabalho de Conclusão de Licenciatura em Ciências Sociais. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2022.

GERHARDT, M. C.; FRANTZ, W. **Educação popular e movimentos sociais: possibilidades de relações democráticas**. Revista de Educação Popular, Uberlândia, v. 18, n. 1, p. 92–104, 2019. DOI: 10.14393/rep-v18n12019-46367. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/46367>. Acesso em: 22 abr. 2024.

GOHN, Maria da Glória. **Participação e Democracia no Brasil: da década de 1960 aos impactos pós-junho de 2013**. Petrópolis, Rio de Janeiro. Editora Vozes. 2019.

LIMA, Rosa Malvina Melo De. **Territórios de resistências da educação popular dentro dos movimentos sociais**. Anais IX CONEDU... Campina Grande: Realize Editora, 2023. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/100299>>. Acesso em: 11/04/2024 14:35

PALUDO, Conceição. **MOVIMENTOS SOCIAIS E EDUCAÇÃO POPULAR: atualidade do legado de Paulo Freire**. In: II Seminário Diálogos com Paulo Freire: educação popular, formação profissional e movimentos sociais, 2008, Pelotas. II Seminário Diálogos com Paulo Freire: educação popular, formação profissional. Pelotas, 2008. p. 01-13.

SAVIANI, Demerval. (2020). **A pedagogia histórico-crítica**. Revista Binacional Brasil-Argentina: Diálogo Entre As Ciências, 3(2), 11-36. Recuperado de <https://periodicos2.uesb.br/index.php/rbba/article/view/1405> Acesso em: 11/06/2024.

SAVIANI, D.. (2021). **PAULO FREIRE, CENTÉSIMO ANO: MAIS QUE UM MÉTODO, UMA CONCEPÇÃO CRÍTICA DE EDUCAÇÃO**. Educação & Sociedade, 42, e254988. <https://doi.org/10.1590/ES.254988>

SCORTEGAGNA, Paola Andressa. et. OLIVEIRA, Rita de Cássia da Silva. **EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL: UMA ANÁLISE HISTÓRICO-CRÍTICA.** Revista Eletrônica de Ciências da Educação, Campo Largo, v. 5, n. 2, nov 2006.

## APÊNDICE – Roteiro de Entrevistas Semi Estruturadas

### Coordenadores:

1. O que é a Escola Popular de Carlos Marighella e como funciona?
2. Pode falar sobre suas origens e as principais experiências educativas desenvolvidas desde o início da Ocupação?
3. Na visão de vocês, como funciona a relação dos movimentos de luta por moradia com a educação popular?
4. Quais as perspectivas da educação popular enquanto ferramenta de transformação e conhecimento para com os ocupantes?
5. Em que ideias pedagógicas se apoia esse processo educativo? Pode comentar como se dá na prática a apropriação dessas ideias?
6. Pode citar algumas bibliografias de apoio mais usadas nos cursos e atividades educativas que vocês organizam?
7. Em que critérios vocês se apoiam para escolher esses cursos e atividades?
8. Pode comentar sobre os projetos futuros de atividades e cursos na Ocupação?

### Moradores:

1. De quais projetos vocês participam?
2. Desde quando você participa da Ocupação Carlos Marighella?
3. De que experiências educativas você já participou na Ocupação?
4. Pode comentar sobre essas experiências? (conteúdos, atividades, leituras...)
5. Qual sua avaliação sobre essas experiências? O que você achou mais interessante?
6. Qual o nível de formação que você possui?
7. Na sua opinião, o que a ocupação Marighella e os movimentos sociais podem contribuir para sua educação?
8. Se pudesse opinar, que cursos ou atividades educativas você proporia para a coordenação do movimento?

9. Se puder contar um pouco de sua história educacional, perspectivas, talvez um sonho a se alcançar...

#### Educadores/as populares: Educação Ambiental

1. Pode falar um pouco sobre a sua trajetória profissional ou acadêmica? Você trabalha como professora ou participa de algum projeto de extensão? Onde? Há quanto tempo?
2. Como foi o processo de construção deste projeto de educação ambiental?
3. Você acha que esse projeto de formação responde às demandas da ocupação? De que modo?
4. Em termos pedagógicos, como foi a organização do projeto? Tem seu fundamento em alguma concepção pedagógica?
5. Para que nível de escolaridade as aulas são direcionadas?
6. O projeto tem algum momento pedagógico em que os participantes possam elaborar sínteses, relacionar os conteúdos com as suas experiências de vida?
7. Como você avalia essa experiência de formação?

#### Educadores/as populares: Educação Jurídica

1. Pode falar um pouco sobre a sua trajetória profissional? Você trabalha como professora? Onde? Há quanto tempo?
2. Como foi o processo de construção deste projeto de educação jurídica? Foi uma ideia sua?
3. Você acha que esse projeto de formação responde às demandas da ocupação? De que modo?
4. Em termos pedagógicos, como você organizou o projeto? Você se fundamenta em alguma concepção pedagógica?
5. Para que nível de escolaridade suas aulas são direcionadas?
6. O projeto tem algum momento pedagógico em que os participantes possam elaborar sínteses, relacionar os conteúdos com as suas experiências de vida?
7. Como você avalia essa experiência de formação?

